



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU- CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

ANTONIO WENDEL DA SILVA VIEIRA

RELAÇÃO DE OPRESSOR E OPRIMIDO ENTRE SENHOR E ESCRAVOS
NA OBRA *SOBRADOS E MOCAMBOS*, DE HERMILO BORBA FILHO

PATU-RN
2021

ANTONIO WENDEL DA SILVA VIEIRA

**RELAÇÃO DE OPRESSOR E OPRIMIDO ENTRE SENHOR E ESCRAVOS
NA OBRA *SOBRADOS E MOCAMBOS*, DE HERMILO BORBA FILHO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira.

PATU-RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Ficha Catalográfica
Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

V658r Vieira, Antônio Wendel da Silva

Relação de opressor e oprimido entre senhor e escravos na obra sobrados e mocambos, de Hermilo Borba Filho. / Antônio Wendel da Silva Vieira. - Patu, 2021.

34p.

Orientador(a): Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em

Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Opressão. 2. Oprimido. 3. Miscigenação. 4. Sobrados e Mocambos. 5. Hermilo Borba Filho. I. Ferreira, Beatriz Pazini. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me dá muita força e animo para continuar a luta a cada dia, vencendo a cada dificuldade e superando os desafios.

A minha família por estarem sempre comigo nessa caminhada me apoiando.

Aos meus amigos que sempre estão comigo me dando força.

A minha orientadora professora. Dra. Beatriz Pazini Ferreira por me acompanhar durante essa jornada.

Aos professores, Dr. Michel de Lucena Costa e professora Dra. Fernanda Tonholi Sasso Curanishi, por aceitarem o convite para participarem da banca neste momento precioso de minha vida.

A diretora do CAP professora Dra. Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé.

Aos técnicos do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) do Campus Avançado de Patu (CAP).

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPÍTULO I	12
A CRÍTICA DRAMATÚRGICA HERMILIANA: TEATRO POPULAR E CONSCIENTIZAÇÃO	12
1.1 A TRAJETÓRIA DE HERMILO BORBA FILHO	12
1.2 A OBRA HERMILIANA E SEU LEGADO NA LITERATURA POPULAR	15
1.3 A RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE HERMILO BORBA FILHO E GILBERTO FREYRE	17
CAPÍTULO II	20
<i>SOBRADOS E MOCAMBOS E A DEMOCRACIA RACIAL: RETRATOS DA REALIDADE SOCIAL NO INTERLÚDIO “PAI E FILHO”</i>	20
2.1 MISTURA DE RAÇAS, RACISMO E OPRESSÃO NA RELAÇÃO SENHOR E ESCRAVO.....	20
2.2 A OPRESSÃO E ABUSO SEXUAL NOS SOBRADOS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

EPÍGRAFE

A principal conquista que se busca é de um país sem desigualdades, sem discriminações, onde a mulher seja igual ao homem, e onde o negro seja igual ao branco. Muito se tem para fazer e muito se tem para alcançar (DUARTE, DIAS (2016, p. 02).

RESUMO

A presente pesquisa analisa a relação de opressor e de oprimido entre Senhor e os escravos a partir da peça *Sobrados e Mocambos* (1972), de Hermilo Borba Filho, com ênfase no interlúdio “Pai e Filho”. Dessa forma, pretende-se, por meio de recortes textuais da obra e da contextualização, realizar um estudo analítico sobre questões referentes à opressão, ao oprimido e à miscigenação abrangendo também um diálogo, inclusive sobre o abuso sexual que as personagens escravas negras sofriam nesse período. A pesquisa tem caráter exploratório e explicativo de base qualitativa e envolve o embasamento teórico dos seguintes autores: Bodnar (2017); Darcy Ribeiro (2006); Ferreira (2019, 2021); Lilia Schwarz (1993); Meneses (2017), entre outros. A temática abordada no texto é relevância para o meio científico, pois é recorrente desde os tempos da colonização. É uma herança negativa para sociedade atual, pois o preconceito e a desvalorização racial é algo tão forte e preocupante que as pessoas negras sofrem diariamente com os abusos e a opressão da sociedade.

Palavras-chave: Opressão. Oprimido. Miscigenação. *Sobrados e Mocambos*. Hermilo Borba Filho.

ABSTRACT

The present research analyzes the relationship between the oppressor and the oppressed between the slaveholder and the slaves from the play *Sobrados e Mocambos* (1972), by Hermilo Borba Filho, with an emphasis on the interlude "Pai e Filho". In this way, it is intended, through textual excerpts from the work and contextualization, perform an analytical study on issues relating to oppression, to the oppressed and miscegenation, also encompassing a dialogue, including the sexual abuse that the black slave characters suffered during this period. This research has an exploratory and explanatory qualitative basis and involves the theoretical foundation of the following authors: Bodnar (2017); Darcy Ribeiro (2006); Ferreira (2019, 2021); Lilia Schwarz (1993); Meneses (2017), among others. About the theme addressed in the text, it is of great relevance to the scientific community, as it has been recurrent since the times of colonization, a negative heritage for today's society, prejudice and racial devaluation it's something so strong and worrisome that the black people suffers daily from the abuses and oppression of society.

KEYWORDS: Oppression. Oppressed. Miscegenation. *Sobrados e Mocambos*. Hermilo Borba Filho.

LISTA DE ABREVIações

TAP - Teatro de Amadores de Pernambuco

TEP- Teatro de Estudantes de Pernambuco

TPN - Teatro Popular do Nordeste

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa analisa a relação de opressor e de oprimido entre Senhor e os escravos na peça *Sobrados e Mocambos* (1972), de Hermilo Borba Filho, com ênfase no interlúdio “Pai e Filho”, a partir da relação das personagens: Capanga, Luiza, Mulher, Narrador, Senhor, Senhorzinho, Sempre-viva e Tia. Há uma relação de opressão e também de abuso, inclusive sexual. Todo esse jogo de poder dos senhores é marcado pelo discurso irônico da miscigenação e da democracia racial. Nesse interlúdio, temos a relação da personagem Senhor e a escrava, que é objeto de desejo, de abuso. Pelo fato do filho do Senhor se envolver com a escrava preferida do pai, acaba sendo morto pelo Capanga, a pedido do Senhor, que se sente ameaçado de perder a sua posição e poder que detém sobre seus bens e seus escravos.

Sobrados e Mocambos (1972), de Hermilo Borba Filho, é uma obra que surgiu através de *Sobrados e Mucambos* (1936), de Gilberto Freyre. Hermilo tratou de questões sociais que denunciou atos que eram praticados pela sociedade em relação à desigualdade racial no nosso país.

Hermilo trouxe uma nova roupagem para a peça e nela observamos diferentes discussões e reflexões sobre o cotidiano da sociedade. Os escravos negros eram oprimidos, reprimidos pelos seus senhores que utilizavam o poder, e tratados com crueldade. O Brasil carrega muitas marcas da escravidão e com ela um contexto social marcado pela desigualdade de classes, de opressão entre brancos e negros, burguesia e proletariado em uma democracia devastada pelo poder e patriarcalismo.

A pesquisa surgiu a partir da participação do Projeto de Iniciação Científica - PIBIC do CAP/UERN, que discute a literatura popular, a literatura conscientizadora tendo como *corpus* o teatro de Hermilo Borba Filho, que apresentam discussões pertinentes a nossa sociedade e que são necessárias para a nossa reflexão sobre a temática desenvolvida nesta monografia.

Dessa forma, a pesquisa apresenta questionamentos que merecem atenção como o patriarcalismo que oprime, que reprime e que abusa e está presente até os dias de hoje no meio social provocando uma divisão injusta de classe, de raça e de gênero. Outro ponto a se destacar é a abordagem irônica que *Sobrados e Mocambos* apresenta sobre a miscigenação, o racismo e o

preconceito que está enraizado no nosso país, pois ainda vemos discursos românticos sobre o processo da mistura de raças na qual o Brasil se formou.

Dessa forma, a pesquisa é necessária para compreender tais questionamentos sociais. Segundo Gil (2008), a pesquisa é desenvolvida mediante o conhecimento disponível e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Deste modo, a pesquisa tem caráter científico e busca por meio de diversos conhecimentos e métodos obter os resultados que anseiam toda a problemática.

A monografia tem caráter exploratório e explicativo de base qualitativa. O processo envolve o levantamento bibliográfico sobre a miscigenação a partir das contribuições dos teóricos, Lilia Schwarcz (1993) que trata sobre os fundamentos das origens desse racismo difuso na sociedade brasileira; Darcy Ribeiro (2006) que apresenta discussões acerca da formação do povo brasileiro e as configurações que ele foi tomando ao longo dos séculos; Bodnar (2017) que argumenta sobre discussões do gênero entremez na dramaturgia e com as confluências do popular e do medieval; Ferreira (2019, 2021); que nos ajudar a compreender sobre a literatura hermiliana popular e contestatória: discutindo sobre os abusos da elite e dando voz aqueles que são silenciados e Meneses (2017) que apresenta denúncias presentes na obra de Hermilo Borba Filho, a arte como forma de resistência as dores e as sombras; entre outros teóricos.

A miscigenação é uma das características mais marcantes do povo brasileiro, no entanto, mesmo essa mistura de raça ter sido importante para a colonização e a construção do Brasil, percebe-se aspectos negativos em relação a essa miscigenação de raças. A democracia racial é algo que vem desde tempos da colonização e é uma herança negativa que carregamos até os dias atuais, o preconceito e a desvalorização racial é algo tão forte e preocupante, que a raça negra sofre diariamente com os abusos e opressão da sociedade.

CAPÍTULO I

A CRÍTICA DRAMATÚRGICA HERMIANA: TEATRO POPULAR E CONSCIENTIZAÇÃO

1.1 A TRAJETÓRIA DE HERMILO BORBA FILHO

Hermilo Borba Filho nasceu em Palmares (PE) em 8 de julho de 1917 e morreu no Recife em 2 de julho de 1976. Ator, autor, crítico de teatro, diretor, dramaturgo, encenador, escritor, ensaísta e professor, tradutor, foi um incentivador da cultura popular nordestina. Publicou romances, livros de contos, novelas, pesquisas e ensaios. Escreveu 23 peças, das quais sete foram publicadas em vida, participou de vários grupos, entre eles o TAP, TEP, Teatro de Arena e TPN.

O Teatro de Amadores de Pernambuco, com mais de vinte e cinco anos de existência, tendo formado uma tradição entre o seu público burguês, que burgueses são os seus métodos de representação, publicidade, repertório, contribuindo, inegavelmente, para a difusão de alguns autores estrangeiros de categoria, pouquíssimos brasileiros, vários autores de categoria duvidosa, tudo de cambulhada, num ecletismo cujo único sentido é cortejar a bilheteria, como qualquer companhia profissional sem finalidade cultural ou social (BORBA FILHO, 1968, p. 132).

No TAP, a parceira com Valdemar de Oliveira foi se desgastando, porque as peças eram encenadas no Teatro Santa Isabel, que, segundo Hermilo, era o reduto da burguesia no qual se pagava para entrar no teatro. A preocupação de Hermilo era com o teatro popular, a arte do povo para o povo. Em meados de 1945, em uma resposta a Valdemar de Oliveira, que afirmou que as grandes peças de teatros são feitas para a elite, Hermilo discordou e ainda lembrou que o Teatro nasceu na Grécia e que sobrevive até hoje nas festas populares, durante palestra na qual assume o Teatro de Estudantes de Pernambuco (TEP). Essa discussão ocorreu após Borba Filho se posicionar e fazer duras críticas ao TAP, durante a palestra Teatro: arte do povo, no *Rotary Club*. Valdemar de Oliveira, respondeu que não era possível tornar o teatro em

popular e ainda complementou que o teatro busca inspiração no povo, mas não vive para o povo.

Hermilo construiu, em sua trajetória, um longo currículo que reforçava o seu interesse em modernizar o teatro brasileiro, com o pensamento de levar o teatro para o povo e feito pelo povo. Posicionou-se contra o TAP, pois sempre viu o teatro como algo cultural que pertence ao povo, ao contrário do pensamento de Valdemar de Oliveira, que via o teatro como parte da elite. Essa era a linha de pensamento de Hermilo, levar o teatro para o povo, onde pudesse ser criado pelo povo e apresentado para o povo. Assim, Borba Filho sai do TAP e inicia no TEP, levando duas ideologias revolucionárias para a implantação na cultura recifense.

Com o TEP, inicia-se o projeto para democratizar o teatro, Hermilo assumiu a direção do grupo em 1946. Borba Filho consegue o espaço para trabalhar com mais liberdade e inovação, com foco no teatro popular, e assim, realizaram diversas apresentações culturais em espaços públicos. Nesse contexto, Hermilo começa a fazer parcerias com artistas e poetas populares como Ariano Suassuna, criando uma rede de conexões para engajamento do teatro popular no Recife. Hermilo “anunciava a sua ambição de realizar a redemocratização do teatro brasileiro, por meio dos espetáculos populares e também do anti-ilusionismo” (REIS, 2008, p. 54), e assim, se distancia do TAP, que não contribuía para no teatro local e desse modo, Hermilo se afastou do TAP em busca dessa valorização da dramaturgia local.

Borba Filho acreditava que o teatro bom era o do povo para o povo, mas poucos espetáculos de Borba Filho foram sucesso de público, inclusive, ele não obteve o apoio que esperava. Com o fim do TEP, em 1952, Borba Filho passou uma temporada em São Paulo de 1953 a 1957, no qual atuou escrevendo críticas teatrais para os jornais e retorna para Pernambuco em 1958. Em 1960, ao lado dos autores, Ariano Suassuna, Gastão de Holanda, e outros intelectuais fundaram o Teatro Popular do Nordeste (TPN), com o objetivo de valorizar a cultura popular e as tradições culturais dessa região.

O que o Teatro do Estudante de Pernambuco pretende realizar é a redemocratização da arte cênica brasileira partindo do princípio de que, sendo o teatro uma arte do povo, deve aproximar-se mais dos habitantes dos subúrbios, da população

que não pode pagar uma entrada nas casas de espetáculo e que é apática por natureza, de onde se deduz que os proveitos em benefício da arte dramática serão maiores levando o teatro ao povo ao invés de levar o povo ao teatro (BORBA FILHO, [1946], 1980, p. 60).

Borba Filho conseguiu revolucionar a cena teatral pela sua participação nos grupos TAP e TEP. Nessa época, o teatro foi reformulado deixando aos poucos as características da elite e assumindo um caminho para o popular, momento que marcou toda a cultura popular de Recife e região. Dessa forma, é inegável a contribuição e o legado deixado por Hermilo que valorizava as raízes brasileiras e os atores brasileiros tendo mais espaço dentro da cultura.

Borba Filho lutou pelo teatro popular e pela sua modernização. Ele não se limitava e estava sempre aberto às renovações e às novas possibilidades, reunindo diversos profissionais em torno da sua arte. Ele via originalidade na literatura do povo, na cultura do povo.

Hermilo faleceu em 1976, mas deixou um legado imenso e é uma referência na literatura popular e no teatro. Para ele, a sua arte tinha o compromisso em abordar as dores dos homens e da sociedade e assim suas obras, seu comprometimento com o povo brasileiro e arte popular, apresentam críticas sociais relacionadas ao contexto social e abordam assuntos ligados à sociedade como a democracia racial e a miscigenação no Brasil. É o caso da peça *Sobrados e Mocambos* que apresenta vários conflitos dramáticos, dentre eles a relação opressora, violenta e abusiva entre senhor e escravo.

Hermilo frisava que em suas escrituras e obras que “o teatro é uma arte essencialmente popular e como tal deve ser construído em termos de aceitação popular. Os seus temas devem ser tirados daquilo que o povo compreende e é capaz de discutir” (BORBA FILHO, 1947, p. 9). Era exatamente assim que ele fazia com suas peças, trazia abordagens de temas e assuntos no qual o povo tinha vivência, algo que representasse a tal ponto, deles se encontrarem dentro da encenação com suas dores e cultura. Dessa forma, Hermilo contribui para a modernização do teatro, com suas formas e novas estéticas a partir do seu posicionamento político e social, com aproximações com grupos e movimentos do teatro que fazem parte da formação do teatro brasileiro (FERREIRA, 2021). A seguir, discutimos sobre o legado da literatura hermiliana e o compromisso com a literatura popular.

1.2 A OBRA HERMILIANA E SEU LEGADO NA LITERATURA POPULAR

Hermilo lutava pelo espaço que fosse realmente do povo, sem foco na elite, já que muitas peças teatrais eram direcionadas à elite e desprezava a voz do povo. Com essa inquietação, ele buscou algumas mudanças para democratizar a literatura popular, dessa vez, dando espaço para o povo construir o teatro, fazer parte dele. Borba Filho valorizava a literatura popular e transformava a literatura direcionando mais para o povo, onde este pudesse participar ativamente desde a criação até a apresentação (FERREIRA, 2019).

A literatura popular hermiliana traz contentamentos sobre os abusos da elite e opressão sofrida pelo povo, com denúncias sociais do povo silenciado (MENEZES, 2017). Essas vozes eram esquecidas e precisavam de espaço para se expressar revelando as suas dores e cicatrizes. O autor discute e denuncia, por exemplo, os abusos da Ditadura Militar, a opressão sofrida pelos escravos e a divisão de classes e inclui a participação ativa do povo:

Há de se considerar que as obras de Hermilo Borba Filho são mais enfáticas politicamente, porque proclamam a necessidade da participação pública do homem nas atividades que exerce, de forma a (re)conhecer os caminhos da liberdade e da integração na vida social trilhando literatura e política por meio das manifestações populares (FERREIRA, 2019, p. 135).

As obras de Borba Filho apresentam vozes daqueles que não tinham espaço para falar, a voz e o desabafo dos oprimidos que passaram por diversos abusos do patriarcado. Essa voz representa a coletividade daqueles que se calaram e sofreram racismo, preconceito e abuso. Dessa forma, Hermilo tinha o pensamento de renovar o teatro brasileiro, permitindo que sua literatura pudesse dar voz ao povo. Além disso, ele se preocupa e reivindica um espaço para uma identidade mais nacional, destacando temáticas relacionadas ao nordeste, sua cultura e seus costumes sendo representadas pelo povo, onde o homem pudesse se ver dentro das obras, dos espetáculos e conscientizar-se.

O interesse de Borba Filho sempre foi pelo teatro e pela literatura do povo para o povo, ou seja, que o teatro pudesse pertencer de certa forma ao

povo, com temáticas que falassem da realidade, da cultura e das vivências. Aborda questões sociais como a opressão, a escravidão, a desigualdade social. Esse era o interesse de Hermilo, de fazer o teatro e a literatura para o povo e não centralizar-se na elite.

O processo para redemocratização do teatro brasileiro seguiu com diversas mudanças feitas por Hermilo na cultura recifense. Durante a II Semana de Cultura Nacional defendeu que o teatro devia tratar de temas e conteúdos nacionais como a história de Maria Bonita, de Antônio Conselheiro, das tragédias das secas, da escravidão, do cangaceirismo, dos dramas do povo, das poesias dos cantadores do sertão e das figuras lendárias, dos mitos da caipora, do saci-pererê, do lobisomem, de Iemanjá (BORBA FILHO, 1980). Hermilo trazia a sua crítica para os espetáculos, dando ao público a oportunidade de se ver em cena e poder refletir questões de seu cotidiano e escrevia peças voltadas para trazer debates assuntos do meio social.

Borba Filho defendia que o teatro nacional deveria ser voltado para as culturas locais, representando a nossa realidade e valorizando as tradições culturais, debatendo assuntos e temáticas que fossem totalmente brasileiras e representa-se o povo. Segundo Ferreira (2019, p. 52), Borba Filho baseou-se no teatro popular “com a inserção da tradição universal, das histórias, dos mitos, das personagens e dos acontecimentos regionais, além de valorizar artistas populares”. Além disso, contribuiu para a formação do teatro brasileiro traduzindo e escrevendo peças, atuando em espetáculos e participando da crítica das peças.

O papel de Hermilo foi fundamental para as transformações ocorridas na cultura popular, no teatro popular e na literatura. O autor reinventou a forma de fazer literatura/teatro, trazendo elementos que construíam um novo caminho de se fazer arte para o povo. Em *Um Cavaleiro de Segunda Decadência*, publicada nos anos 1970, traz abordagens contra a Ditadura Militar e o autoritarismo e a opressão existentes naquela época. Segundo Meneses (2017, p. 213), “logo, o método de tortura de presos políticos e o uso da água, que sempre acompanhou a vida do autor estudado, são indícios do inconformismo de Borba Filho diante das injustiças e das violações que a Ditadura Militar provocou”. A literatura hermilianiana foi de suma importância para denunciar os abusos e as atrocidades praticadas pela Ditadura Militar para que

os leitores pudessem refletir sobre as condições históricas e sociais da época e pudesse questionar o abuso de poder, o patriarcalismo e a violação dos direitos sociais. A seguir, discutimos sobre a relação e as impressões entre as obras de Borba Filho e Gilberto Freyre.

1.3 A RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE HERMILO BORBA FILHO E GILBERTO FREYRE

A relação entre a peça de Hermilo Borba Filho e obra de Gilberto Freyre é notável. Contudo, há algumas divergências, afinal até o próprio título do teatro de Hermilo enfatiza essa diferença “uma peça segundo sugestões da obra de Gilberto Freyre nem sempre seguidas pelo autor”. Nas palavras de Freyre:

O certo, porém, é que admiro em Hermilo Borba Filho o vigor sarcástico, irônico — cruelmente irônico, até brilhantemente, caricaturesco, por vezes, com que ele trata psicológica e sociologicamente o seu e, até certo ponto, meu material, dando-lhe, acima de tudo, um extraordinário brilho de expressão satírica, cômica, humorística. Expressão satírica em termos revolucionariamente teatrais. Como seria possível sermos co-autores havendo, entre nós, divergências tão profundas não só de ideias como de atitudes? (BORBA FILHO, 1972, p. 03).

Freyre se vê na posição com a sua obra como inspiração para Hermilo. Destaca que o escritor centraliza o foco nos aspectos negativos ao falar de assuntos polêmicos e da grande opressão presente na construção do Brasil. Segundo Ferreira (2021), mesmo diante de tantas divergências entre os dois, o mesmo parabeniza Borba Filho pela peça, mas ressalta seu posicionamento contrário, por exemplo, quando Hermilo aborda os atos sexuais de forma libertina, descritiva e expressiva: Gilberto Freyre fala sobre o modo “brilhantemente, caricaturesco, por vezes, com que ele trata psicológica e sociologicamente o seu e, até certo ponto, meu material, dando-lhe, acima de tudo, um extraordinário brilho de expressão satírica, cômica, humorística” (BORBA FILHO, 1972, p. 03). Freyre se pronuncia sobre Hermilo e deixa a sua admiração pelo dramaturgo e seu respeito pela construção da obra, destacando o vigor sarcástico, irônico e a expressão satírica teatral. Deixando

visíveis as divergências existentes entre eles, seja no ponto de campo de ideias e atitudes, como também na escrita.

A peça de Borba Filho é prefaciada por Freyre. Nela, o sociólogo reforça que, embora seja inspirada em sua obra, possui uma interpretação social do passado brasileiro muito diferente do seu. Atribui isso ao fato dele privilegiar nuances positivas, enquanto que o dramaturgo, somente aspectos negativos. Mas, mesmo com esse distanciamento, o autor da obra-fonte elogia e admira o resultado obtido na peça de Borba Filho, advindo das escolhas do dramaturgo, que privilegiou a sátira e a ironia, ao olhar para o passado do povo brasileiro (BODNAR, 2017, p. 253).

Em *Sobrados e Mucambos*, Freyre descreve a relação à mistura de raças, à miscigenação numa relação natural, até favorável da construção brasileira. Já Hermilo destaca as contradições da construção do Brasil e apresenta profundas críticas, de forma irônica, ao sistema e as suas mazelas, trazendo discussões pertinentes sobre as relações sociais entre senhor/escravo e entre as classes elite/menos favorecidos. Segundo Ribeiro (2006, p. 19), surge um novo povo “novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos”.

De acordo com Ferreira (2021), enquanto Hermilo fala sobre a negatividade nessa construção como o abuso de poder, a opressão escravocrata e sexual, a construção colonial cercada de atrocidades e uma ideologia separatista e desumana, Freyre traz em sua fala, uma abordagem romantizada da construção colonial, buscando deixar de lado as questões que mais necessitam de reflexões e passando uma impressão de igualdade social inexistente.

A democracia era vista por Gilberto Freyre como uma relação de domínio, segundo Rezende (2017, p. 19), “a democracia no Brasil, para ele, era possível devido à democracia racial e a uma forma de domínio que se cristalizou na nossa tradição pautada no senso de autoridade de dever e não no autoritarismo”. Ou seja, uma democracia com um olhar positivo diante da mistura de miscigenação cultural. Essa exaltação à construção do Brasil de forma mais cristalizado, segundo Rezende (2001), vem de um pensamento e

posicionamento conservador e politizado ao passado que Freyre mantinha, ou seja, olhava para o futuro com os vestígios do passado e buscava amenizar os fatos que estavam norteando a nossa sociedade, isto é, o que importava era que o Brasil estava se desenvolvendo e, por isso, desprezava as atrocidades e a opressão que a miscigenação proporcionou. Dessa forma, o discurso freyriano sobre a mistura de raças é suavizado, visto que buscava um olhar mais positivo sobre as questões raciais e sociais existentes desde a colonização.

Segundo Meneses (2017), na obra de Hermilo verificamos o posicionamento de temas que não eram explorados pela sociedade. Então, há uma ruptura da cultura do silêncio escancarando assuntos como a exploração, o abuso e a tortura, e obra foi censurada De acordo com Bodnar (2017), “aborda epicamente a passagem de um sistema a outro, do patriarcalismo para a democratização, do rural para o urbano, do poder e riqueza de brancos europeus para a miscigenação e ascensão social de mestiços” (BODNAR, 2017, p. 255). É a representação da coletividade que está presente no negro, nos escravos, na mulher e nos oprimidos, uma diversidade de situações que envolvem a construção do país, a mistura da miscigenação e a desigualdade social. A seguir, analisamos *Sobrados e Mocambos* com foco no interlúdio “Pai e Filho”, mas ressaltamos que podemos adentrar em outros interlúdios da obra que destacam a relação entre Senhor e escravo.

CAPÍTULO II

SOBRADOS E MOCAMBOS E A DEMOCRACIA RACIAL: RETRATOS DA REALIDADE SOCIAL NO INTERLÚDIO “PAI E FILHO”

2.1 MISTURA DE RAÇAS, RACISMO E OPRESSÃO NA RELAÇÃO SENHOR E ESCRAVO

A partir do processo da colonização portuguesa no Brasil, houve uma mistura de raças: índios, brancos, negros e estrangeiros marcaram a história da construção do país, uma mistura de cores e raças. *Sobrados e Mocambos* apresenta uma diversidade de histórias que vão se juntado uma com a outra, contando e mostrando os abusos dos senhores com os escravos, a opressão e os mandos e desmandos. A peça apresenta uma personagem chamada de Narrador que conta como o Brasil foi construído, como os negros, a classe menos favorecida era tratada e como o patriarcado comandava o sistema.

Há um jogo de opressão e de poder em toda a peça. O interlúdio “Pai e Filho” apresenta a relação da personagem Senhor e a escrava Sempre-viva, que é seu objeto de desejo, de poder. Nessa relação, o filho do Senhor se envolve com a escrava preferida do pai e acaba sendo morto pelo Capanga. O Senhor se sente ameaçado de perder seu poder que detém sobre seus bens e escravos.

Uma vez que a parte de apresentação da obra já foi elencada, debruçamos sobre a temática central que dá sustentação à pesquisa de forma geral, a opressão que está presente na crítica, em que os escravos eram oprimidos pelos seus senhores. Verificamos o pensamento de dominador do Senhor, uma relação de poder usado para oprimir e constranger os escravos. Há um discurso irônico sobre a miscigenação e a democracia social, no qual percebemos todo o autoritarismo dos senhores com seus escravos.

A personagem Senhor expressa todos seus sentimentos que são carregados de raiva, ódio, maldade e opressão quando é contrariado. Tais sentimentos são postos em prática no seu cotidiano. Então, oprime, maltrata e abusa dos escravos numa demonstração incontrolável de quem está no poder e de quem realmente manda. Por exemplo, os escravos enforcados eram símbolos do seu poder e não existia nenhum tipo de remorso ou empatia com

nenhuma das vidas que eram mortas sob tortura. É um retrato da realidade social do país da época:

NARRADOR

-O senhor do sobrado pensa, na sua raiva, em todos os negros enforcados, dos quais aquele ali um símbolo. Estamos sempre lidando com símbolos. Isto não quer dizer que ele seja um mau homem, mas quem quer que estivesse no seu lugar e tivesse a sua mentalidade não conseguiria evitar pensamentos maldosos. Garantam-me, o senhor ou a senhora, qualquer que seja o seu pensamento político e religioso, que sempre pensaram em coisas côr-de-rosa. Estão vendo? (BORBA FILHO, 1972, p. 16).

A partir do século XIX, através das teorias de raça que se naturalizou, surgiram para confirmar a estereotipação sobre as diferenças de raça e consolidar esse sistema político de exploração, a hierarquia e a formação de uma nação mestiça. Segundo Schwarcz (1993, p. 13), “a mestiçagem existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação”. Para esse autor, a miscigenação transformava-se em um grande divisor entre as concepções monogenistas das escolas etnológicas e as interpretações poligenistas presentes, principalmente na antropologia da época:

ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação (SCHWARCZ, 1993, p. 84).

O papel do branco, na maioria das vezes, foi de civilizador, de uma raça de hierarquia que tem seus direitos preservados, que tem o poder e as riquezas ao seu dispor, ao contrário dos negros que eram vistos e rotulados como depreciação, menosprezo e objeto de troca. Essa desigualdade está presente desde os tempos da colonização do Brasil, em que há esse estereótipo cravado na história em que a raça negra é perseguida, desprezada e sofre racismo por parte dos brancos, assim também como os índios que também foram obrigados desde o início a se adequarem à cultura branca, perdendo, inclusive, território.

MESTIÇO

- Insisto, senhor ricoço, os olhos são para ver: o prestígio das cidades, a luta que já se trava de casa-grande e sobrado, tudo isto favorece a nossa classe mestiça que se vai enriquecendo com o prestígio brilhante de bacharéis e de médicos, daqui a pouco políticos, muitos deles não se esquecem que são filhos de operários e até mesmo de mascates com negras ou com mulatas (BORBA FILHO, 1972, p. 15).

A partir de 1930, o conceito de democracia racial, elaborado por Gilberto Freyre multiplicou a ideia de que o país é culturalmente miscigenado. Schwarcz (1993, p. 234) acrescenta que “raça permanece, porém, como tema central no pensamento social brasileiro, não mais como fator de “desalento”, mas talvez como “fortuna”, marca de uma especificidade reavaliada positivamente”.

Esse problema social que vem atravessando épocas e, de certa forma, ainda convivemos com toda a questão de desigualdade social, fato esse que deve ser posto em pauta, em busca de soluções, pois é uma enorme parte da população que sofre com essa mistura de raças, cores, e etnias, em vez de discriminação o essencial seria a valorização para o enriquecimento cultural e social do país. São muitos os trechos da obra que apresentam tais lutas e essa disputa, que mais se insere como luta por liberdade, a questão da imposição e do poder sobre os negros e escravos:

SENHOR

- Que querem no meu sobrado? Tenho prestígio com o rei que me doou carta branca para com todas as armas defender, da minha sala, os interesses urbanos.

MESTIÇO

- Sou contra o patriarcal quando ele se apresenta com esta ortodoxia, criminosa exploração dos homens por um só homem.

NEGRO

- Posso levar vida mansa no engenho ou no sobrado, mas como fui majestade nas minhas terras de lá, anseio, luto, batalho pela minha liberdade (BORBA FILHO, 1972, p. 13).

Neste diálogo, encontra-se a miscigenação de raças. Nessa interação, é possível ver cada um de seus interesses. O Senhor é a representação da classe patriarcal, que comanda tudo e explora a classe menos favorecida para o enriquecimento próprio. Já o mestiço, se revela contra esse sistema patriarcal

e se impõe contra o Senhor, numa busca de uma revolução pelos direitos iguais e o Negro busca e anseia pela sua liberdade, por uma vida digna e com direito sobre si mesmo.

Nesse discurso, encontra-se ironia do mestiço que fala sobre igualdade, mas na realidade o próprio mestiço alimenta o preconceito racial com os negros. O mestiço, ao encontrar um lugar ou posição social dentro da sociedade, passa a se assemelhar aos brancos e se distanciar da raça negra surgindo assim o preconceito entre a própria classe:

SENHOR

Eu posso ser um mestiço, mas tenho o sangue fidalgo e sou aristocratizado pela instrução recebida, também pelo casamento. Por enquanto, estando vivo, defendo a ordem burguesa, meu mundo patriarca” (BORBA FILHO, 1972, p. 12).

Essa desigualdade racial é resultado da escravidão e da opressão sofrida por séculos. O negro carrega esse rótulo de marginalizado que, muitas vezes, é disseminado não somente de brancos, mas de mulatos, mestiços e até os próprios negros que conseguem ascensão social.

O negro está presente na construção do Brasil, eram tratados como objetos e moedas de troca, ficavam com todo o trabalho braçal, o branco colonizador buscava o aumento do progresso, mas não pela democracia e igualdade de classes, mas por interesses próprios. Os brancos oprimiam e abusavam dos escravos para mostrar que quem comanda é quem tem o poder e em outros momentos percebe-se que há o abuso de parte sexual, onde os mesmos possuíam e se aproveitavam das mulheres negras:

O narrador acaba de falar e coloca-se a um canto. O senhor fecha os olhos e embala-se. A mulata, a mesma do slide, entra com um copo numa bandeja de prata. vai à cadeira do senhor e, com a mão livre, começa a dar-lhe cafunés. ele se espicha todo, entregando-se ao ato, excitado. De repente, não mais se contém e volta-se, ainda na cadeira, tentando agarrá-la. Erra o bote e a mulata, num susto, derrama o refresco em cima dele (BORBA FILHO, 1972, p. 15).

Há na cena da peça uma opressão e abuso por parte do Senhor. Quando a Sempre-viva vai servir um refresco, a personagem usa o seu poder de domínio para abusar da escrava, para satisfazer os seus desejos e vontades. Para Ribeiro (2006, p. 163): “a negra-massa, depois de servir aos senhores, provocando às vezes ciúmes em que as senhoras lhes mandavam arrancar todos os dentes, caíam na vida de trabalho braçal dos engenhos e das minas em igualdade com os homens”. As mulheres negras sofreram de diversos abusos na escravidão desde os abusos sexuais aos trabalhos braçais, elas sofriam com os castigos que as senhoras aplicavam, diante de alguma cena de ciúmes. Era um costume os senhores terem relações abusivas com suas escravas e ainda como consequência desse horror, as mesmas sofriam retaliações de todos os lados:

Direitos eu tenho, posso, sobre o corpo, sobre a alma, daqueles que me pertencem, quer sejam por mim comprados, quer sejam por mim gerados. Eu nem por sombra permito que se invada o que é meu. Esta filha de uma negra minha filha não é nada por ela só tem o sangue, mas não tem por ela a lei: Pra falar toda a verdade, é minha propriedade (BORBA FILHO, 1972, p. 23).

Verificamos que as relações entre o Senhor e os escravos são estreitas e desumanizadas com os mesmos valores empregados pelos senhores de elite. Segundo Ribeiro (2006, p. 212), “nem podia ser de outro modo no caso de um patronato que se formou lidando com escravos, tidos como coisas e manipulados com objetivos puramente pecuniários, procurando tirar de cada peça o maior proveito possível”. O patriarcado consumia todas as forças da raça negra, através de trabalhos brutais, em condições desumanas, enriqueciam através do trabalho de milhares de vidas que não tinha acesso a própria liberdade, e dependia das migalhas dos senhores para sobreviver. E viviam até onde rendiam um bom desempenho para seus donos, a partir do momento que ficasse doente ou não tivesse mais condições de trabalhar, eram descartados como objetos e jogados fora como um papel descartável.

Nas casas dos senhores existia a divisão dos negros que viviam na senzala e os que viviam no sobrado. Existia uma confiança naqueles que estavam presentes na Casa Grande e entre as negras existiam as preferidas

pelos senhores. Segundo Bhabha (1998, p. 345) “aceitar esta perspectiva significaria que vemos o ‘racismo’ não apenas como um remanescente de concepções arcaicas da aristocracia, mas também como parte das tradições históricas do humanismo cívico”. São essas tradições e costumes dessa cultura que desenhou todo esse processo, no qual existe uma divisão entre a própria classe negra, e isso perneia desde tempos da escravidão, até os dias atuais.

Isso representa na sociedade a tradição que o sistema faz a separação de classes. E assim os senhores escolhiam os seus preferidos de confiança, alguns obtinham maior liberdade de ir e vir, de estar à frente das coisas e trabalhos da fazenda. Era uma necessidade que os senhores tinham de domesticar os escravos para os favorecerem, alguns nos trabalhos como é o caso dos escravos e escravas com uma idade mais avançada e as escravas novas para satisfazer suas aptidões sexuais:

Narrador - Entre o menino e o homem, neste sistema ancestral, se sabe foi bem imensa a distância social. Tão grande mesmo, tão grande, quanto aquela que medeia na questão sexual: o forte do fraco, o nobre do belo; igual, igual, podem crer à separação de classes: de um lado a dominadora, do outro a dita servil (BORBA FILHO, 1972, p. 19)

Essa distância social é algo resultante do sistema social, no qual é preciso oprimir para continuar no comando, é preciso doutrinar para manter seu poder sobre os seus. A desigualdade social é um problema de outros tempos e que tem se perdurado até aqui, mesmo depois de tanto tempo, de tanta evolução e transformação, a desigualdade social continua existente, entre a separação de classes, de negros e brancos, de ricos e pobres, é possível notar que há ainda muita coisa para melhorar e o caminho é longo. A escravidão deixou o estereótipo entre a classe, ser negro e pobre é um processo árduo, ser discriminado pela cor da sua pele, pelo seu gênero ou pela sua condição social é o que o sistema tem feito ao longo dos anos.

O estereótipo de classe marginalizada propícia a o racismo e o preconceito e, conseqüentemente leva o abuso de poder. Para Bhabha (1998), “o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar um jogo de diferença constitui um problema”.

Essa representação na maior parte não traz resultados positivos, pelo contrário, separa as classes e as classifica da forma que o sistema sempre fez, a separação é existente e as oportunidades são diminuídas para os grupos de separação.

Os senhores encontraram na escravidão a solução para enriquecer através do trabalho dos negros. Esse enriquecimento se deu por meio de sofrimento, de opressão e de abuso. Segundo Ribeiro (2006, p. 219), “a distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros”. Essa separação social é existente até os dias atuais, no qual os negros lutam diariamente para conquistar seu espaço. Essa classe é a mais afetada pela discriminação, pelo preconceito e pela interiorização por parte da sociedade.

O processo de lutas dos escravos era contra a escravidão que buscavam liberdade e igualdade. Desse modo, os escravos começaram a agir para alcançar a alforria. Por isso, muitos conseguiam fugir para quilombos em busca da liberdade e condições de vida. Importante frisar que a luta mais árdua dos negros e seus descendentes foi à conquista da sua liberdade, a qual proporcionou a busca por um lugar na sociedade, abrindo espaço para comandar sua própria vida e essa busca pelo espaço é uma luta diária e constante. A seguir, discutimos sobre a opressão e o abuso sexual retratados na peça de Borba Filho.

2.2 A OPRESSÃO E ABUSO SEXUAL NOS SOBRADOS

O patriarcalismo presente na peça é notável. O patriarcado corresponde ao sistema social que é baseado na cultura e relações que favorecem o homem branco, mantendo esse grupo no domínio do poder e excluindo qualquer pessoa que não se encaixe nesse padrão desse sistema, um sistema que exclui qualquer diferença, seja ela racial, sexual ou social. A personagem Senhor ao sentir-se ameaçado pelo envolvimento do seu filho com a Sempre-Viva, observa que seu poder está ameaçado diante dos seus escravos. Para demonstrar que ainda permanece no poder e continuar em posse da sua

escrava preferida pede ao Capanga de sua confiança para que mate o próprio filho:

SENHOR

- Escute aqui, Damião, nesta hora o senhorzinho deve estar fazendo a sesta, portas, janelas abertas, no quarto do outro andar. Aja com pés de algodão, bem de manso, de mansinho, cravando-lhe o seu punhal na raiz do coração (BORBA FILHO, 1972, p. 23).

Para manter a posse e o abuso sobre Sempre Viva e não manter uma disputa entre ele e seu filho, o Senhor prefere matar. Notamos também a opressão e a discriminação racial, quando a personagem se refere à mulata preferida, Sempre- Viva, como “cadela”, ou seja, a mulher é desumanizada para zoormofização. Essa desumanização é construída para manter os senhores do patriarcado sempre acima dos escravos, dessa maneira, a mulher negra foi diminuída á servidão dos seus senhores.

Ser uma mulher negra no Brasil é algo marginal, resultado do nosso contexto histórico e social construído. É inferiorizada e discriminada pela sociedade que carrega um sistema alimentado pelo patriarcado e pelo machismo que corrompem e estereotipa.

As mulheres negras sofreram diversos abusos e atrocidades durante o período da escravidão. Seus corpos eram tratados como objetos pelos senhores. Elas eram abusadas sexualmente sem nenhum pudor: Por outro lado, é preciso lembrar que, historicamente, a dominação sexual de escravos por seus senhores era, também, uma forma de manifestação de poder e anulação do ego masculino dos escravos dominados. Era uma prática também comum, embora o estupro de escravas ocorresse mais vezes. O estupro homossexual ocorria com os escravos amarrados, e diante dos outros escravos como uma forma de envergonhá-lo, reforçando a noção de poder e supremacia do senhor.

O senhor fica um momento parado, mas logo se reanima, abaixa-se, corre as mãos pelas pernas e coxas da mulata, que se contorce, ri, negaceia, ele se levanta, amasse-lhe os peitos, ela se roça nele. Neste jogo, vão até o marquesão, onde ele a derruba, de costas, cobrindo-a, enquanto fala (BORBA FILHO, 1972, p. 18).

A mulher negra foi estereotipada pelos senhores do sistema patriarcal, como objeto de cunho sexual e sem nenhum direito a uma vida digna, com direitos desrespeitados, nem ao menos seus questionamentos postos. Foram oprimidas e silenciadas pelo patriarcado. Desse modo, segundo Santos (2009, p. 01), “a abolição da escravatura sem planejamento e a sociedade de base patriarcal e machista, resulta na situação atual, em que as mulheres afrodescendentes são alvo de duplo preconceito, o racial e o de gênero”. Esse duplo preconceito racial e de gênero é uma das lutas que as mulheres negras enfrentam no seu cotidiano, mesmo carregando marcas de um processo de abusos e opressão até conquistar sua liberdade, a luta ainda continua pelo seu espaço e respeito na sociedade.

Esse preconceito se perpetua até os dias atuais, no qual a mulher negra sofre para conquistar seu espaço, inclusive, no mercado de trabalho. Sofre com o machismo ativo na sociedade, com o preconceito de gênero e racial e, mesmo após abolição dos escravos, o preconceito e a opressão continuam enraizados no meio social. Segundo Santos (2009, p, 02), “são muitos obstáculos a serem superados. O período escravocrata deixou como herança o pensamento popular, em que, elas só servem para trabalhar como domésticas ou exibindo seus corpos”. É muito difícil para a mulher negra ascender-se socialmente, conquistar seu espaço no meio social. É um caminho desmotivador diante de todas as barreiras impostas pelo sistema.

SENHOR (Ciciando)

- Minha mulata dengosa, linda, faceira, mimosa.

MULATA

- Ai, meu Deus ai, meu senhor...

SENHOR

- Que tem açúcar no corpo qual muitas brancas não tem.

(BORBA FILHO, 1972, p. 18)

As escravas eram abusadas constantemente pelos senhores das fazendas. Esses abusos eram comuns na escravidão. As negras eram compradas e além de fazer o serviço da casa, como limpar, passar e cozinhar, também eram consideradas objeto sexual para satisfazer os desejos dos seus senhores, sem direito a se negar a servi-lo. Eram violentadas e estupradas.

Essa cultura da escravidão perneia sobre os tempos atuais, quando a mulher negra é generalizada pela sua condição de gênero e raça, enfrentando

diversos tipos de preconceito pela sociedade que escravizou e oprimiu a raça negra. O estereotipo da mulher negra ligada ao sexo vem dos abusos sofridos na escravidão, isso acabou gerando uma herança “pobre” e que desencadeou todo esse contexto antagônico, ainda percebido socialmente. A mulher negra é vista como inferior ao homem branco e a mulher branca, esta sempre em lugares mais baixos de submissão, de incapacidade e de opressão social.

LUÍZA

- Foi depois da Sabinada que da Bahia fugi num saveiro todo branco para escapar das torturas do Governo Imperial. Eu amava aquele moço da boa sociedade, minhas noites foram festas, nossos corpos eram arcos e sua flecha rosada me trespassava a gozar. Vi estrelas encarnadas, o mar era um flamboyant e o céu avermelhado, já quebrando as madrugadas, nos embalava no amar. Foi então que ele nasceu: meu mulato, meu mestiço, olhos claros da manhã na pele de encantamento. Me prenderam, me surraram, a chama de um candeeiro queimou meus peitos tostados como se eles quisessem sufocar no pobre corpo o brado da liberdade (BORBA FILHO, 1972, p. 32)

As mulheres negras eram usadas para gerar filhos. Luiza, uma mulher negra, escrava, entra num embate ao se envolver em uma briga com as sinhazinhas. Ela então é levada por dois soldados para ser deportada em um navio. Neste ato, do interlúdio “Joco-Sério”, fica claro a separação de mãe e filho. Luiza foi separada do seu filho por ser mulher negra e escrava. Essa realidade persistiu por muito tempo durante a escravidão em que as escravas não tinham direito nem sobre o próprio corpo e nem sobre os seus filhos que, na maioria das vezes, ficavam com os senhores da fazenda enquanto a mãe escrava era vendida no mercado como um animal selvagem ou mercadoria.

Os relatos da personagem são chocantes, porém, verdadeiros. Elas sofriam torturas chocantes. Os peitos eram queimados, usavam cintos de castidade, surradas a chicotadas até a morte. A vida da mulher negra nunca foi fácil e essa política se enraizou sobre a sociedade. Assim como Luiza, milhares de mulheres foram queimadas, chicoteadas, agredidas, separadas dos seus filhos e depois vendidas como mercadoria, foi assim desde período colonial. A classe da elite sempre se manteve no topo do poder, governando e mantendo o padrão patriarcal sobre indivíduos que tinham suas vidas sofridas e propensas a opressão:

MULHER

- Senhor Deus do meu senhor, dissei-me se são pecados querer o que o corpo quer, pensar em vida mais livre, poder brincar e dançar, e não ficar enfurnada na escura camarinha, de Trancoso ouvir estórias, mais irmã velha que mãe dos meninos que o senhor gerou com seu gozo só no meu ventre obediente (BORBA FILHO, 1972, p. 43)

Percebe-se a infelicidade, a frustração estampada nesse discurso, à questão imposta até pelo clamor ou pela oração da mulher ao dizer: “Deus do meu senhor”, relatando sobre os desejos que possuía, em fazer coisas normais que outras mulheres faziam e, ainda, mais chocante como a personagem expressa no fim de sua fala a obediência do seu ventre em gerar filhos para seu senhor. Dessa forma, a mulher era retratada como um objeto sexual, oculto para as mulheres brancas que as escarneciam por razões de ciúmes dos senhores e por serem de diversas formas desrespeitadas e ofendidas pela sociedade.

O corpo e a mente da mulher foram privados de suas escolhas espontâneas e ainda era objeto de posse do patriarcado (do homem). Nessa época, as mulheres tinham seus desejos íntimos reprimidos pela sua própria conduta, e pelo título de escrava. Essa que não era possível envolver-se intimamente por desejo, mas sim do fruto de um comércio negreiro. As negras serviam apenas para desempenhar funções domésticas, parir e criar seus filhos e, muitas vezes, estes eram gerados contra sua vontade. Era fruto de um abuso sexual praticado pelos seus senhores. E que nesse contexto ainda eram Amas de leite dos filhos das sinhás. Partindo disso, trazendo para a sociedade atual, ainda é observado resquícios de um passado opressor, misógino e racista, o qual a mulher negra ainda encontra entraves pertinentes para homologação de seus direitos e na conquista do seu espaço:

o culto pela mulher deu uma arte erótica — uma música açucarada, uma pintura romântica, côr-de-rosa, uma escultura sem outra coragem que a do gracioso, a não ser a do nu. Esse culto pela mulher, bem apurado, é talvez, um culto narcisista do homem patriarcal, do sexo dominante, que se serve do oprimido — dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das coxas, dos seios, das ancas da mulher, como de alguma coisa de quente e doce que lhe amacie, lhe excite e lhe aumente a

voluptuosidade e o gozo. O homem patriarcal se roça pela mulher macia, frágil, fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador (BORBA FILHO, 1972, p. 44).

Essa foi a herança deixada pela sociedade patriarcal. O pensamento de que as mulheres negras só servem para trabalhos domésticos, sexuais e trabalhos inferiores. Segundo Santos (2009, p. 02), “devido à extrema pobreza, as meninas ingressam muito cedo no mercado de trabalho, sendo exploradas pela sociedade, que sabendo da sua condição financeira, oprime e humilha”. Atualmente, vemos a herança da escravidão. As mulheres negras são contratadas para os cargos menores e inferiores, com os menores salários, se comparada às mulheres brancas.

Vagarosamente, sua mão vai erguendo a saia da mulata. As carpideiras recomeçam o canto à boca fechada. O senhor descobriu o sexo da tonheta. Para todos, é como se nada estivesse acontecendo. O senhor, com toda a delicadeza de sua mão trêmula, começa a acariciar o sexo da mulata. (BORBA FILHO, 1972, p. 137).

Os abusos ocorridos pelos senhores às escravas eram constantes. Fica explícito todo o jogo de poder e domínio que a personagem Senhor obtinha sobre suas escravas. A personagem Tonheta, uma escrava que sofria abusos sexuais e opressão, era silenciada, suportando todos os abusos de forma passiva, não tinha a quem pedir socorro. Era o sistema colonial que assegurava essas ações racistas e abusivas.

Na cena, o Senhor comete outro tipo de abuso contra Tonheta. Já nos momentos finais da sua morte e sem nenhuma intimidação mesmo com algumas pessoas ao redor, velando o mesmo. O abuso acontece como se fosse algo natural, como se nada estivesse acontecendo de anormal. Tonheta representa a maior parte de escravas. Mulheres negras que foram abusadas, torturadas e marginalizadas como objeto sexual. Isso era algo cultural que fazia parte da nossa sociedade patriarcal e que ainda faz. Um sistema que só favorecia os senhores e os fazendeiros, pois era a classe da elite que tinha acesso aos direitos. Os negros, as mulheres negras, eram diminuídas e não tinham voz, nem direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia apresentou discussões como o jogo de poder dos senhores das casas grandes e dos sobrados contribuiu para manter a opressão que assolam a nossa sociedade e segue permitindo a divisão de classes e de raças. A miscigenação que fez parte do processo da construção do Brasil deixou a herança do racismo e da desigualdade. É possível compreender que todo o jogo de poder dos senhores ainda assola a nossa sociedade na divisão de raças. Os senhores eram os donos das terras, dos escravos e de toda riqueza e usavam o poder para enriquecer às custas do trabalho escravo. Estes viviam sobre torturas, abusos e opressão. Essa é a nossa herança da escravidão: desigualdade racial que permanece entre nós até os dias atuais.

A elite, desde o início, ditou as regras ao colocar os negros como pessoas inferiores. É inegável não admitir a importância que os negros tiveram e tem na história da construção do país, que é cheio de diversidade. Na peça, a opressão está presente na relação da personagem Senhor com a escrava e também em outras personagens tratando-os como objetos de uso e de posse. O Senhor viveu um embate com seu filho, em uma luta para manter o seu poder sobre seus escravos, por isso manda matá-lo quando este se relaciona com sua escrava preferida, conforme vimos.

A opressão está presente na relação do personagem Senhor com a escrava que mantem o seu poder e sua submissão. A elite, desde o início, ditou as regras ao inserir os negros como pessoas inferiores ao compararmos com os brancos. O Brasil nasceu dessa separação e divisão patriarcal. Essa desigualdade social é atribuída como se fosse uma consequência de raça, pois mesmo depois da abolição, os negros conseguiram a liberdade, mas passaram por um processo duro e árduo, numa luta que ainda é constante para conquistar seu próprio espaço.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. (1998). **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. E. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

BODNAR, Roseli. **Entremez: jogos de espelho em um labirinto sem fim – a dramaturgia de Ariano Suassuna, Francisco Pereira da Silva e Hermilo Borba Filho**. 2017. 367 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7486/2/TES_ROSELI_BODNAR_COMPLETO.pdf. Acesso em: 8 ago.2021.

BORBA FILHO, Hermilo. **Sobrados e Mocambos**. In: ALVES, Leda; REIS, Luís Augusto (Org.). Hermilo Borba Filho: Teatro selecionado. Rio de Janeiro: Funarte, 2007d.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro: arte do povo [1946]. **Arte em Revista – Questão: o popular**, Centro de Estudos de Arte Contemporânea/Kairós, São Paulo, a. 2, n. 3, p. 60-63, mar. 1980.

DUARTE, Camila. DIAS, Edemir Braga, **problemática racial e de gênero: a mulher negra no Brasil**. URI. São Luiz Gonzaga, 2016. e Africanidades, nº 5, mai. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_mulher_negra_brasileira.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

FERREIRA, Beatriz Pazini. **Literatura hermiliana popular e contestatória: entre as veias da polifonia e do silêncio**. Revista Moara, n. 52, jan-jul 2019.

FERREIRA. Beatriz Pazini. **Mediações entre teatro popular e perspectivas modernas na dramaturgia de Hermilo Borba Filho: Auto da mula-de-padre; A barca de ouro; A donzela Joana e Sobrados e Mocambos**. 272 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

FREYRE, Gilberto. 2006. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Editora Global.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, MENESES, João Paulo Dias de. **Há denúncia na obra de Hermilo Borba Filho: literatura e memória**. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v. 8, n. 2, p. 201-216, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/2735>. Acesso em: 8 set.2021.

REIS, Luís Augusto da Veiga Pessoa. **Fora de cena, no palco da modernidade**: um estudo do pensamento teatral de Hermilo Borba Filho. 2008. 457 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7268/1/arquivo3571_1.pdf. Acesso em: 8 ago.2021.

REZENDE, Maria José de. A democracia em Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. **Plural**, v. 3, p. 14-48, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.1996.68027>. Acesso em 10 de dez.2020. Acesso em: 8 set.2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira**. Revista África
SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras. (Uma história de diferenças e desigualdades). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.